

Mercado S/A



AMAURI SEGALLA

amaurisegalla@diariosassociados.com.br

Howard Marks, o lendário investidor americano, acha que o ciclo de juros elevados deverá perdurar

Lavagem de dinheiro movimenta US\$ 1,8 trilhão na Europa

O maior estudo já realizado sobre lavagem de dinheiro chegou a uma conclusão assustadora: os criminosos "limparam" pelo menos US\$ 1,8 trilhão por ano usando canais comerciais legítimos da União Europeia — o número equivale a 11% de todo o comércio do Velho Continente. As estratégias mais comuns são o envio de menos ou mais mercadorias do que o faturado ou a descrição falsa do conteúdo das remessas. Publicado na revista *Applied Economics*, o levantamento é fruto de 10 anos de investigações.

Home Equity avança no Brasil

Os brasileiros estão descobrindo uma nova modalidade de empréstimo: o home equity. Trata-se do crédito com garantia de imóvel, bastante comum nos Estados Unidos. Segundo a Associação Brasileira das Entidades de Crédito Imobiliário e Poupança (Abecip), o volume de financiamento concedido por esse sistema avançou 80% no acumulado dos últimos quatro anos. Ainda assim, há espaço para crescimento. O segmento deverá movimentar no país R\$ 7 bilhões em 2022. Nos Estados Unidos, são US\$ 4 trilhões.

Redução da taxa de juros ficará para o segundo semestre de 2023

As gestoras de investimentos não acreditam mais na redução dos juros no início do ano que vem. Antes da PEC da Transição, a maioria delas achava que a taxa básica da economia começaria a cair no primeiro trimestre. Agora, a percepção mudou. Para a XP Asset, a redução deverá ficar para o segundo semestre de 2023, análise que é compartilhada pela Kairós Capital. Por sua vez, a Santander Asset espera que o processo de queda comece entre o segundo e o terceiro trimestre. No mundo, o cenário preocupa. Howard Marks, o lendário investidor americano, acha que o ciclo de juros elevados deverá perdurar. "Nos meus 53 anos no mundo dos investimentos, vi muitos ciclos econômicos, pêndulos oscilando, manias e pânicos, bolhas e crashes, mas me lembro de apenas duas transformações radicais. Estamos no meio da terceira agora", disse ele, em carta a clientes da Oaktree Capital. "A inflação e os juros se manterão como os indicadores dominantes influenciando o ambiente de investimentos por mais vários anos."

Twitter/Reprodução

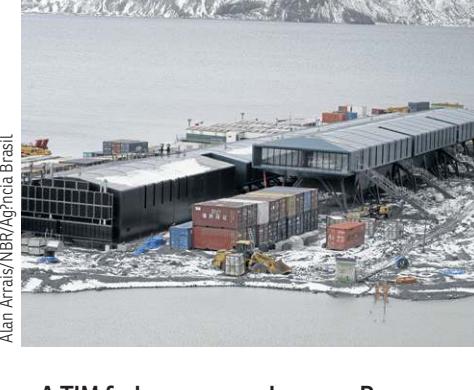


RAPIDINHAS

» A JBS, maior empresa de alimentos do mundo, avançou no Climate Change 2022 do Carbon Disclosure Project (CDP), a maior plataforma global de informações corporativas de sustentabilidade. No novo ranking, a companhia elevou seu score de B para A- na frente de mudanças climáticas. Com isso, se tornou uma das poucas empresas brasileiras no A-list do CDP.

» A Apple deverá permitir, a partir do ano que vem, que clientes baixem softwares de terceiros em seus iPhones e iPads sem usar a App Store. A empresa não fará isso de bom grado. Na verdade, a mudança terá o objetivo de ajustar suas operações às novas normas da União Europeia, que pretende ser mais rigorosa com as gigantes de tecnologia.

» O Twitter encerrará 2022 com 40,5 milhões de usuários mensais no Brasil, segundo estudo da consultoria de mercado Insider Intelligence. O número representa um avanço de 1,5% em relação a 2021 — será a menor taxa de crescimento em muitos anos. Ainda assim, o Brasil é o quarto colocado no ranking global de usuários.



» A TIM fechou um acordo com o Programa Antártico Brasileiro para levar conexão 4G à base de pesquisa do país no continente gelado. A parceria prevê a ampliação do sinal já disponível na estação, que possui antenas com sensores inteligentes para reduzir o risco de interrupção dos serviços por acúmulo de gelo.

CORREIO DEBATE | DESAFIOS 2023 O BRASIL QUE QUEREMOS

Henrique Meirelles, ex-ministro da Fazenda, defende que o arcabouço fiscal não deve estar atrelado ao PIB ou à dívida

Foco no limite de despesa

» ROSANA HESSEL

Em meio às incertezas sobre o arcabouço fiscal que o novo governo do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT) deverá propor para recuperar a credibilidade do Brasil junto ao mercado financeiro, o ex-ministro da Fazenda e ex-presidente do Banco Central Henrique Meirelles defendeu que o foco precisará continuar sobre as despesas.

mesmo ocorre com o PIB", disse.

O ex-ministro foi enfático ao criticar a falta de contrapartidas na Proposta de Emenda à Constituição (PEC) da Transição que tramita no Congresso, pois, sem isso, não é possível aumentar o valor e, sim, reduzi-lo. O valor de ampliação do teto — de R\$ 168 bilhões — é o previsto no texto aprovado pelo Senado Federal e que ainda precisa passar pela Câmara em dois turnos.

Corte

Atacar gastos que não têm impacto na política econômica precisa ser regra do governo, na avaliação de Meirelles. "Temos que trabalhar no corte de despesas desnecessárias", frisou.

Como exemplo, ele propôs o fechamento de estatais deficitárias e sem propósito — um exemplo é a empresa criada para o projeto do trem-bala, que nunca saiu do papel — como formas de cortes de despesas, a fim de ganhar credibilidade no compromisso de respeitar as regras fiscais.

Em relação às críticas de Lula e de Haddad ao mercado, que reage quando percebe alguma medida ou fala que pode piorar o cenário futuro, Meirelles avaliou que há muita desinformação. "O mercado é mal entendido. Eles acham que o mercado está conversando com o governo. O mercado não diz nada. Ele não é um grupo de pessoas que está discutindo alguma coisa. O mercado

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Meirelles: "O mercado não diz nada. Ele não é um grupo de pessoas que está discutindo alguma coisa"

são os investidores; gestores de fundos; industriais; empresários grandes, médios e pequenos, como o dono da padaria", explicou.

De acordo com o ex-ministro, se o mercado acredita que o país vai crescer, "ele investe a longo prazo". Mas, se acha que a política econômica vai fazer a economia piorar e o dólar subir, o mercado vende ou não investe. Na Bolsa de Valores, a maioria dos investidores é de gestores ou de

administradores que tomam decisões sobre recursos que estão sob sua responsabilidade.

Logo, na avaliação do ex-ministro da Fazenda e ex-presidente do BC, o governo precisará ter a confiança dos investidores para conseguir fazer o país crescer de forma sustentada. "O investimento não ocorre sem confiança na política econômica. E, para isso, é necessário credibilidade", lembrou.

Credibilidade

Durante a sua apresentação, Meirelles defendeu que o governo precisa transmitir credibilidade nos discursos e na política econômica voltada para o crescimento econômico e a geração de emprego, de forma clara. "O padeiro e o empresário só vão investir se eles acreditarem e tiverem a confiança de que o país vai crescer", acrescentou.

Ao comentar sobre a fala do presidente Lula de que não haverá privatizações no novo governo, Meirelles avaliou que a declaração foi um "equivoco". Ele ressaltou que o poder público não tem capacidade de fazer os investimentos necessários para o Brasil crescer e, por isso, precisará contar com a ajuda do setor privado. "O governo não tem recursos", pontuou.

"Estamos discutindo (no Congresso) uma PEC que é um problema para cumprir compromissos sociais do novo governo. Imagina a necessidade de investimento em infraestrutura e nas estatais. Não há recursos, independentemente de se gostar, ou não, da palavra", declarou Meirelles.

Ele engrossou o coro com o ex-presidente do Banco Central Arminio Fraga, que, na abertura do evento, defendeu a importância do investimento privado como mola para o crescimento dos investimentos em infraestrutura. "Se não quiser chamar de privatização, não chame", disse Fraga.

Ao comentarem sobre a necessidade de investimentos no setor de infraestrutura, tanto Meirelles quanto Fraga destacaram que o investimento privado é fundamental para a retomada do crescimento, por meio de concessões, de privatizações, de Parcerias Público-Privadas (PPPs) ou da capitalização de estatais. "Como disse o meu colega, pode dar o nome que quiser", afirmou Meirelles.